

André Laks & Glenn Most. *Early Greek Philosophy*. Loeb Classical Library vols. 524-532. Cambridge (Mss.) - London: Harvard University Press. 4093 pages (9 vols: 257 + 381 + 337 + 453 + 801 + 435 + 505 + 559 + 365 pp.; vários ISBNs).

Liliana Carolina Sánchez Castro<sup>1</sup>

A Loeb Classical Library está lançando uma nova coleção de nove volumes contendo textos originais e tradução do corpus dos primeiros pensadores gregos. A monumental edição é resultado de vários anos de trabalho de André Laks e Glenn Most (que já trabalharam em outros projetos editoriais de sucesso), com a assistência de Gérard Journée e Leopoldo Iribarren e a colaboração de acadêmicos renomados e autorizados em temas e autores específicos.

A edição oferece várias novidades em comparação com seu mais célebre antecessor, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, de Herman Diels (posteriormente ampliado e revisado por Walter Kranz), considerado o principal trabalho de referência para o estudo do primeiro pensamento grego, apesar do aparecimento de um pequeno número de tentativas mais recentes de ocupar esse lugar.

A edição oferece-nos 38 seções textuais (5 capítulos temáticos; 33 capítulos dedicado a autores específicos<sup>2</sup>), cada um contendo uma breve introdução, para situar o conteúdo imediato a ser encontrado, seja uma única personalidade ou um autor, seja um grupo de textos que exhibe alguma unidade, e uma breve bibliografia onde estão listadas as edições e estudos mais importantes e relevantes para aquela seção. Esta última característica não é banal: de fato, uma das particularidades deste trabalho é que L-M fornece-nos material baseado na edição mais recente (ou mais completa) dos textos disponível e, nos poucos casos em que é necessário, acompanhados de traduções feitas por outros especialistas em um determinado objeto. (Que é o caso de textos em

<sup>1</sup> Pesquisadora de pós-doutorado no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo (USP), com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> Incluo como um “capítulo dedicado a autor” a grande seção sobre Pitágoras e as teorias anônimas atribuídas aos pitagóricos, bem como o capítulo dedicado ao papiro de Derveni.

árabe, siríaco, armênio e hebraico, característica única dessa edição).<sup>3</sup> Fornecer e traduzir o melhor texto disponível ou, pelo menos, o mais recente ou em melhor estado – alguns deles inexistentes em DK porque descobertos posteriormente – não é apenas uma marca distintiva do trabalho, mas também a indicação do caráter acadêmico do projeto, que reconhece o trabalho de uma comunidade de acadêmicos, filólogos e filósofos e estabelece um diálogo com ela.

#### VOLUME I: *Materiais Introdutórios e de Referência*

O primeiro volume da coleção é dividido em duas seções de “ferramentas”: materiais introdutórios e materiais de referência, não contendo seções textuais. O conteúdo desse volume é de capital importância para a compreensão e bom uso da edição, dada a vastidão do projeto e a complexidade envolvida ao se lidar com tantos testemunhos.

A seção de *Materiais introdutórios* (Introductory materials) fornece-nos pistas, não só para usar a edição, mas também para entender o sentido do projeto editorial de L-M. No *Prefácio*, por exemplo, é dito que o objetivo da edição é, principalmente, o de fornecer material antes que discutir questões interpretativas além da posição evidente declarada na tradução. Porém, há uma evidência clara do viés interpretativo dos editores e sua contribuição original, que é explicada no *Prefácio*. A edição é construída segundo o que os editores apresentam como uma maneira de lidar com o problema da disposição de textos tão diversos e heterogêneos. Podemos encontrar reflexões sobre o assunto, algumas mais justificadas do que outras, em todas as grandes edições de textos fragmentários. DK, por exemplo, dispõe os textos em três grupos principais: *Leben und Lehre* (A), *Fragmente* (B) e *Imitation, Anklang, Falsche* (C). Nessas rubricas classificatórias, DK apresenta os textos em ordem alfabética (exceto em poucos casos), evitando dar uma avaliação sobre a importância do texto além da classificação inicial e do conteúdo. A proposta da L-M é dispor os textos fazendo uso de três categorias

<sup>3</sup> A inclusão desse tipo de testemunhos ocorre em edições especializadas, como a edição de Wohrle, *The Milesians* (2014) ou a *Heraclitea* (1999), de Mouraviev. Porém, não é uma tendência nas coletâneas referentes aos pré-socráticos em geral. Ainda que Diels-Kranz tenha incluído textos siríacos (30B12, 59B23, 68B303, apenas para dar alguns exemplos), não incluiu, contudo, o texto original, mas apenas traduções para o alemão. O mesmo ocorre com a *Heraclitea*, de Mouraviev, no tocante aos textos árabes (por exemplo, T565 (1999)).

diferentes (há uma classificação adicional que listo imediatamente, mas que discutirei apenas mais adiante):

- (P) para a informação relativa à pessoa;
- (D) para a informação relacionada com a doutrina, onde são apresentados fragmentos (em negrito) e testemunhos indispensáveis do pensamento de um determinado pensador ou dos ensinamentos de uma escola;
- (R) para a história da recepção das doutrinas;
- (T) para os textos dos capítulos temáticos.

Creio que não se trata aqui apenas de uma inovação, mas da força mais notória dessa edição. Na tradição dos estudos do pensamento grego primitivo, o que chamamos de "doxografia" é comumente desconsiderado e obscurecido pela reputação dos fragmentos. No entanto, a doxografia é uma peça indispensável para reconstruir as cadeias de pensamento, o contexto original dos textos, sua recepção, *bref*, coisas que não são uma questão filosófica menor. É verdade que a recepção está cheia de distorções e interpretações mais ou menos erradas, mas, para fazer tal julgamento, o estudioso precisa reconstruir todo o raciocínio que deve ser encontrado nos receptores, e assim detectar os problemas. A ênfase na recepção serve também para a reconstrução de doutrinas, dado que, ao comparar as diferentes tradições interpretativas, é possível reconhecer vieses e elementos estrangeiros e, assim, fazer uma distinção entre a doutrina e sua recepção.

O fato de L-M incluir alguns elementos doxográficos junto com fragmentos em sua seção (D) mostra que os editores são sensíveis ao fato de que qualquer tentativa de reconstruir a doutrina apenas por meio de fragmentos enfrenta um grande número de dificuldades que a doxografia poderia ajudar a superar. Quanto à escolha editorial de manter uma seção dedicada à recepção (R), é necessário reconhecer ser uma decisão sábia, não só pela importância de ter em mente o caminho que todas essas ideias fizeram através dos mecanismos filosóficos de apropriação, mas também porque é útil descobrir quantas tradições interpretativas de uma ideia surgiram e como todas essas tradições moldaram um caráter particular, obedecendo a agendas filosóficas e, às vezes, vicissitudes históricas.<sup>4</sup> O mesmo se aplica à categoria que DK costumava chamar C: dado que esse material é incerto, mas teve um papel na história da transmissão do

<sup>4</sup> A possível repetição de informações entre as seções (D) e (R), dada a posição privilegiada da doxografia nessa edição, é algo do que os editores estão cientes. No entanto, eles consideram que "se tornará fácil distinguir inequivocamente entre informação, por um lado, e interpretação e crítica, por outro" (L-M I 12).

pensamento grego antigo, ele será incluído quando sua relevância estiver fora de questão. Isso dá a L-M a oportunidade de apresentar um número importante de textos que foram excluídos de outras edições.

A importância que os editores dão à doxografia é evidente também no que eu listei como a quarta categoria. Textos classificados como (T) são testemunhos incluídos em grupos especiais que são eloquentes respeito à complexa relação entre filosofia e religião, medicina, sofisma, drama e retórica. Esses textos podem ser de natureza doxográfica, mas principalmente estão incluídos em outros tipos de textos, como tratados médicos, poesia, comédia e assim por diante. A grande vantagem que esses capítulos temáticos oferecem é de que o leitor possa contextualizar os vestígios disponíveis do pensamento inicial em seu próprio ambiente natural, que não é o texto onde eles são citados, mas o contexto histórico, social, religioso, filosófico e mesmo político ao qual pertencem.

Uma das diferenças importantes que devem ser observadas em comparação com DK é que em L-M não encontraremos nem todas as personalidades, nem todos os testemunhos possíveis. O motivo da primeira decisão, além de evitar alguns pensadores "menores" ou quase desconhecidos, que, dada a escassez, desperdiçariam as categorias e o esforço editorial da L-M é também evitar aqueles que "não parecem apresentar um perfil filosófico autêntico"(L-M I 10). Outros serão encontrados nas seções (R) de outros pensadores, pois estão conectados com outras personalidades e essa conexão é a única coisa que sabemos sobre eles. No que diz respeito à segunda decisão, é preciso dizer que L-M não é apenas um enorme catálogo ou um trabalho com fins exaustivos, mas uma edição no pleno sentido da palavra: os testemunhos são escolhidos, classificados e dispostos obedecendo a diretrizes filológicas e filosóficas. Esses fatos não só nos mostram em que a edição de L-M é diferente da de DK, mas também sua linha editorial: trata-se de uma edição preocupada principalmente com a filosofia, onde a doxografia tem um papel sumamente relevante. Nesse sentido, a edição não pretende substituir classificações ou numerações, tampouco ampliar algum trabalho desatualizado: trata-se de uma maneira nova de conceber a leitura da filosofia fragmentária dos primeiros pensadores gregos.

No que diz respeito ao material, ainda que estejam empregando as edições de referência para fornecer o texto (como também para o aparato crítico, fragmentos papirológicos e epigráficos), os editores escolhem entre as leituras, variantes e conjecturas que se ajustam ao seu julgamento e suas necessidades interpretativas (L-M

I 13). Assim, L-M não é uma edição *crítica*, pois os autores atêm-se ao trabalho crítico de outras pessoas, mas é uma edição: eles não apenas reproduzem textos, mas os interpretam e descartam de acordo com os critérios que regem o projeto. Os aparatos críticos, conseqüentemente, são apresentados justamente quando há necessidade de indicar a leitura e as variantes levadas em consideração por razões filosóficas, quando o texto se afasta da edição canônica, ou das passagens que oferecem uma dificuldade significativa.

Levar em conta os princípios editoriais é indispensável para entender o todo o trabalho. Os textos estão dispostos em páginas confrontadas: à esquerda o texto original, o lema e a referência exata; à direita a tradução e as referências a outros textos. A referência DK será fornecida sempre, o que não só ajudará o leitor a navegar nas edições canônicas, mas também na literatura secundária. A informação será apresentada da seguinte forma:

PÁGINA ESQUERDA	PÁGINA DIREITA	
DK (< ou >)	DK (< ou >)	Presente em DK
Outra edição	≠ DK	Não presente em DK
≠ DK	≠ DK	Não presente em DK ou em uma outra edição

Dada a abordagem particular na disposição dos materiais, uma das ferramentas mais importantes dessa edição são as referências cruzadas que aparecem na página de tradução. Isso se dá por vários motivos: primeiro, porque um texto pode estar presente duas vezes (ou incluso mais) em um capítulo referente a um autor ou mesmo em um capítulo referente a outro autor. Exemplo disso é o testemunho D64 de Heráclito, presente novamente, junto com muitos outros, em R86. Isso acontece porque R86 apresenta todo o testemunho de Hipólito de Roma sobre o pensamento heraclitiano, enquanto D64 apenas classifica o fragmento como uma declaração doutrinária sobre a guerra (L-M III 168 e 294). Aqui, não se trata de, ainda que possa ser visto como, uma repetição, dado que R86 procura apresentar a disposição dos testemunhos no contexto, enquanto D64 a classifica como doutrina sob uma rubrica específica.

Em segundo lugar, um determinado texto pode ser relevante para mais de um pensador. Aqui está claro o lugar privilegiado que a doxografia tem no trabalho, pois é principalmente o dispositivo classificatório de um doxógrafo que produz o efeito de geminar algumas doutrinas ou ditos. Um exemplo pode ser visto em Anaxágoras (D54b) e Anaximenes (D21) quando falam sobre as nuvens, a neve e o granizo (cf. L-M II 354 e VI 92). Nesse caso, o testemunho sobre Anaximenes é crucial para entender o de Anaxágoras, pois o doxógrafo está supondo a mesma explicação dada no primeiro para o último. Pois uma explicação doxográfica pode tratar vários pensadores sob a mesma categoria classificatória ou sob um princípio exegetico particular. Por essa razão, as referências cruzadas ajudam a fazer as conexões e comparar com outros testemunhos onde a mesma gemação não está acontecendo, para ver o que o procedimento doxográfico adiciona ou subtrai.

Há outro caso em que as referências cruzadas são decisivas, embora envolvam vários problemas que não ficam evidentes em uma edição tradicional: a atribuição da mesma doutrina a vários pensadores. Por exemplo, a ideia de que “tudo está cheio de deuses” foi atribuída a mais de um pensador. Aristóteles e Diógenes Laércio atribuíram o dito a Tales de Mileto (D10 e R34). No entanto, isso não é suficiente para garantir a propriedade absoluta de tal ideia à Tales pois o dito aparece novamente em alguns versos que foram atribuídos a Xenófanes nos estudos modernos, impressos por L-M como D21, mesmo que essa atribuição seja muito incerta (cf. L-M III 34). Agora, aqui a referência cruzada alerta imediatamente o leitor sobre a possibilidade de que essas palavras possam ser uma apropriação por um pensador da doutrina de outro, ou também que ambos estão empregando uma ideia comum que circulou com grande reputação. Ambas as possibilidades podem ser exploradas também para compreender um relato do emprego de Heráclito da mesma ideia (P15).<sup>5</sup>

Há também, é claro, falsas atribuições ou confusões na transmissão de uma certa doutrina ou fato. Esse é o caso, por exemplo, de Anaximandro e Anaximenes. Ambos

<sup>5</sup> A referência cruzada, nesse último caso, não está disponível na edição (L-M III 130). Há um outro caso em que a referência cruzada não está disponível, mas seria muito útil. Quando Aristóteles discute a tese democritiana sobre a alma, estabelece uma analogia com uma certa teoria atribuída aos pitagóricos, que dizem que a alma são os motes (ξύσματα) no ar. Em Demócrito o testemunho é marcado como o D131; no caso das teorias anônimas atribuídas aos pitagóricos, encontra-se no D49. Para um trabalho dessa vastidão, a omissão é absolutamente compreensível: talvez nem todas as referências cruzadas sejam consideradas pelos editores como sendo oportunas no mesmo grau; talvez seja apenas para evitar interferências excessivas nos textos.

não são semelhantes apenas em seus nomes (o que é fonte suficiente para erros na transmissão), mas também pertencem à mesma "escola". Então, para ambos foi atribuído o cálculo de fenômenos astronômicos com a ajuda de um artefato que foi, em um dado momento, introduzido em Esparta: Diógenes Laércio apresenta Anaximandro como o primeiro a tê-lo feito (R14); Plínio faz o mesmo com Anaxímenes (R8). Mesmo que ambos tivessem interesse em astronomia, temos mais material ligando a descoberta dos relógios de sol a Anaximandro, portanto é compreensível que, ao apresentar o testemunho na seção de Anaxímenes, L-M alerte sobre a possível confusão (L-M II 371). No entanto, é importante mostrar que a confusão existiu, pois isso explicará as particularidades da recepção desses pensadores e sua escola.

Essa ferramenta também seria crucial para reunir as peças do mesmo testemunho, que é um dos aspectos em que a edição pode parecer confusa. Dada a distinção temática introduzida pelas categorias de pessoa (P), doutrina (D) e recepção (R), o que costumávamos considerar como um único testemunho em outras edições L-M divide em diferentes partes que não necessariamente caem sob mesma categoria. Considere, por exemplo, os relatos doxográficos de Diógenes Laércio, que são focados na pessoa e não nos sujeitos (como poderia ser o caso de Aécio). Tomemos como exemplo Anaximandro de Mileto. O testemunho que Diógenes transmite e que consiste em apenas 21 linhas é encontrado completo em DK 12A1. Em L-M, no entanto, esse mesmo testemunho é segmentado em três partes na seção P (2, 4, 11), quatro na seção D (2, 5, 11, 31) e uma na seção R (14). Em cada caso temos a indicação de que o testemunho DK não está sendo levado em conta em sua totalidade (<).

O primeiro volume contém também a lista de abreviaturas empregadas na edição, a bibliografia, uma enorme tabela de concordâncias (que é muito útil para navegar em toda a coleção), dois índices de nomes e um glossário.

## VOLUME II: *Começos e primeiros pensadores jônicos (Parte 1)*

A importância que os editores dão à doxografia é explícita no primeiro volume, onde os textos são disponibilizados. Por exemplo, os três primeiros capítulos, que são temáticos e não estão dedicados a um autor específico, são cruciais e revelam a personalidade da edição. Além disso, trata-se da primeira edição sobre o texto dos primeiros filósofos gregos que fornece instrumentos para contextualizar o movimento filosófico que será estudado. Por isso, o primeiro capítulo é uma espécie de introdução

geral à edição - daí seu nome: *Doxografia e Sucessões (Doxography and Successions)* [1]. O capítulo é introdutório por duas razões: por um lado, mostra ao leitor o modo como a transmissão de opiniões antigas foi moldada pela própria dinâmica acadêmica que a fomentou até nossos dias. As relíquias do antigo pensamento grego preservaram-se porque foram discutidas, interpretadas e ensinadas por outros pensadores. Por outro lado, mas como uma clara consequência do anterior, por ser moldada pela discussão acadêmica, a transmissão requer testemunhos maleáveis. Tal flexibilidade é necessária para que as opiniões possam ser fixadas nos grupos, categorias, hierarquias e sucessões os quais a discussão filosófica constrói para organizá-las. Esse, é claro, é um procedimento e um contexto do qual sempre somos privados quando consultamos edições do pensamento grego antigo. Assim, o capítulo nos mostra não apenas o ponto de vista de Aristóteles e Teofrasto (que são os célebres "pais" da doxografia), mas também, antes e depois deles, como essas categorias foram moldadas e por que os pensadores aparecem às vezes ligados por mais de um caminho.

Os próximos dois capítulos seguem o anterior em espírito, embora seu conteúdo seja diferente em aspectos importantes. A seção chamada de *Especulações Cosmológicas (Cosmological Speculations)* [2] exhibe um dos fenômenos pelos quais considero a seção anterior importante. Mesmo se os autores escolhessem as personalidades para conformar essas edições aos critérios de seu perfil filosófico, os filósofos não eram os únicos a especular e fazer reflexões sobre o cosmos, e tampouco restringiram sua atividade intelectual a fazer somente isso. Muito pelo contrário: houve um grande número dentre os primeiros poetas que começaram a fazê-lo e esses traços estão consideravelmente presentes nos contextos e categorias onde encontramos o pensamento grego inicial. Além disso, os filósofos não estavam preocupados apenas em explicar o cosmo ou o mundo circundante, mas também eram, de alguma forma, teólogos ou herdeiros de discussões teológicas, por exemplo.

Também a seção sobre as *Reflexões sobre Deuses e Homens (Reflections on Gods and Men)* [3] coleta um número importante de "antecedentes" dos temas filosóficos presentes nos primeiros pensadores gregos: divindade, virtude, linguagem, tempo, a vida dos homens em sociedade, e também a morte. Há um número considerável de textos oriundos da poesia, da épica e do drama, mas também da literatura sapiencial e fragmentos órficos. A presença desses testemunhos é decisiva para entender o delicado equilíbrio entre teologia e ciência, mitos e explicações científicas, presentes nos textos dos primeiros pensadores gregos. Pois estes nunca

abandonaram sua herança, o que é importante para compreender como esses pensadores foram produto de seu tempo e ambiente cultural.

Do título, somos advertidos da presença do texto relevante para o estudo da aurora do pensamento jônico, que será a chamada escola de Mileto: *Tales* [5]<sup>6</sup>, *Anaximandro* [6] e *Anaxímenes* [7]. Esses três pensadores são precedidos por *Ferécides* [4] por boas razões: por um lado, a tradição o liga à Jônia; por outro lado, razão que se harmoniza com os princípios editoriais da presente edição, Ferécides tem um perfil filosófico, controverso como pode ser, que mostra as complexas relações existentes entre religião e especulação científica.

As seções sobre os três milésios estão nutridas por testemunhos que contribuem para entender a recepção desses pensadores. Entre os três milésios, destaca-se o interesse pela astronomia. De fato, podemos observar um abundante material que mostra um espectro de possíveis doutrinas e anedotas, tanto na seção doutrinal quanto na recepção, revelando essa preocupação. A lua, por exemplo, lhes era de grande interesse: a edição apresenta testemunhos que atribuem a descoberta da reflexão da luz do sol pela lua tanto a *Tales* (R19) quanto a *Anaxímenes* (R9).<sup>7</sup> Em ambos os casos, L-M acrescenta uma nota (o que é muito raro em toda a coleção), dizendo que, no caso de *Tales*, isso pode ser devido a uma atribuição honorífica e, em *Anaxímenes*, trata-se de uma confusão com *Parmênides*, quem, na verdade, foi o descobridor de que a lua recebia a luz do sol (L-M II 251 e 371).

A nota me parece estranha por várias razões. Em primeiro lugar, fica claro que, ao dar a esses testemunhos um status de recepção, L-M revela sua interpretação sobre essa informação. Em segundo lugar, se olharmos para os fragmentos de *Parmênides* aos quais L-M se refere (D27 e D28), encontramos versos genuinamente parmenidianos falando sobre a lua como uma luz que olha “para os raios do sol” (L-M v 67), nos quais, porém, não está explicitamente descrito um processo de projeção de luz ou algo parecido. Em terceiro lugar, L-M também faz referência ao testemunho D29, que, juntamente com D30 e D31, são extratos de *Aécio*. É verdade que D29 afirma inequivocamente que, de acordo com *Parmênides*, o sol ilumina a lua. Parece ser mais importante, contudo, D30, onde se diz que a lua é um corpo celestial “falso-brilhante” (*ψευδοφανῆ*), palavras consideradas os termos originais de *Parmênides* pelos editores

<sup>6</sup> O número providenciado em parênteses quadrados corresponde com a numeração de L-M.

<sup>7</sup> No entanto, *Anaximandro* pensou que a lua tinha sua própria luz (D27).

(L-M v 68). No entanto, não parece que esses depoimentos sejam suficientes para atribuir a Parmênides a paternidade da descoberta – tampouco a fonte o fez. Além disso, de volta a Tales e Anaxímenes, também é Aécio aquele que atribui a descoberta a eles. Trata-se aqui de um caso em que as referências cruzadas permitem detectar os status diferentes que os testemunhos vindos da mesma fonte podem ter.

Seja qual for o caso, está acontecendo ainda alguma outra coisa aqui. Parece-me que L-M está tentando reabilitar o testemunho D30 a fim de manter a autenticidade da palavra *ψευδοφανῆ* como verdadeiramente parmenidiana. Com isso eles estão fortemente afirmando um ponto, dado que esse testemunho foi considerado falso (Diels & Kranz 1989, 246), e o termo em questão também foi considerada como uma atribuição enganosa ou equivocada de Aécio (Diels, 2003, p. 110)<sup>8</sup>. Mesmo se Aécio estivesse relatando uma palavra genuinamente parmenidiana (o que poderia perfeitamente ser o caso), isso não parece ser suficiente para fazer crer que Parmênides tenha sido o primeiro a notar isso e menos ainda para ignorar os testemunhos da mesma fonte apontando para a direção dos Milésios. Então, penso que o que podemos avaliar não é se há evidência suficiente para atribuir a descoberta desse fenômeno astronômico a Parmênides, mas se, assumindo isso, os testemunhos de Aécio têm méritos suficientes para serem elevados ao status de restos doutrinários, ainda que, no caso do Milésios, esses mesmos testemunhos não tenham sido tratados em igualdade de condições com outros.

### VOLUME III: *Primeiros Pensadores Iônicos (Parte 2)*

O terceiro volume da coleção contém apenas dois pensadores: *Xenófanes* [8] e *Heráclito* [9]. Embora seja difícil estabelecer uma relação entre essas duas personalidades filosóficas, pode-se dizer que elas não precisam exibir afinidades doutrinárias para serem seguidas uma pela outra. Com efeito, ambos são representativos de um estágio muito inicial do desenvolvimento da filosofia na Jônia, mas, ao contrário daqueles reunidos no volume anterior, não estão diretamente ligados à chamada “escola de Mileto” ou à figura de Tales.

A seção de Xenófanes é muito completa: a edição cobriu praticamente todos os testemunhos presentes em DK e acrescentou alguns outros, principalmente para a parte da recepção. L-M enfrenta o desafio de apresentar um caso muito difícil de forma bem-

<sup>8</sup> Testemunho igualmente ignorado na maior parte dos trabalhos sobre Parmênides.

sucedida: Xenófanes reúne muitas facetas filosóficas e não filosóficas e a ligação entre elas não é fácil de afirmar apenas lendo textos isolados. A principal abordagem doxográfica da edição, a meu ver, oferece uma solução interessante para esse desafio.

Dos novos textos incluídos para Xenófanes, há um caso interessante: o único novo testemunho incluído na seção D, pois esse texto foi proposto como um fragmento genuíno por Lebedev (1985). No entanto, a atribuição a Xenófanes, como L-M diz, "permanece muito incerta" (L-M III 37). No entanto, o fato das categorias desta edição permitirem a inclusão na seção doutrinária mais do que apenas fragmentos possibilita também a coleta desse texto, que se encontra sob a numeração D22. Não estou totalmente convencida da legitimidade da atribuição desses versos a Xenófanes, mas penso que incluir o texto na edição pode ser de algum proveito. Por exemplo, a maioria dos argumentos de Lebedev para considerar o texto como um fragmento genuíno tem a ver com o conteúdo, pois parecem oferecer evidências da presença de ideias teológicas atribuídas a Xenófanes em outros testemunhos, como a unicidade de deus e sua capacidade perceptiva (Lebedev 1985 13). Além disso, D22 parece ser parte de um poema, o que coincide com a faceta literária de Xenófanes. Isso, juntamente com a preocupação teológica, está de alguma forma ligado à tradição interpretativa que transmite textos semelhantes. L-M permite perceber essa particularidade, pois nos mostra que esses versos têm duas ocorrências em Filopono (uma no tratado *De aeternitate mundi contra Proclum*; a outra no comentário ao *De Anima* de Aristóteles)<sup>9</sup>. Mas, entre o grupo de fragmentos relacionados à teologia de Xenófanes, há mais dois, em verso, transmitidos por Simplício em seu comentário à *Física*. Apesar disso, penso que a inclusão do fragmento duvidoso na seção doutrinal de Xenófanes pode ser motor para um debate interessante, em relação não apenas à forma como estes versos anônimos poderiam (ou não) ajudar a compreender a sua teologia, mas também ao processo de configuração de uma tradição interpretativa na Antiguidade Tardia.

O segundo pensador do volume, Heráclito, mostra os pontos fortes da orientação editorial da L-M. Na disposição do material encontramos uma parte importante dos testemunhos de DK. No entanto, a principal ênfase na transmissão dá a oportunidade de incluir mais de 50 testemunhos, dos quais cerca de dez acrescentam a seção de doutrina, em particular em relação às apreciações de Heráclito do mundo físico e fenômenos naturais.

<sup>9</sup> A referência do comentário está ausente em L-M, mais é *In De an.* 188.26-27.

Gostaria de apresentar, como exemplo da flexibilidade da edição, o tratamento de um fragmento heraclítico. O fragmento DK22B12 é um testemunho célebre sobre a teoria do fluxo de Heráclito. Citarei apenas as linhas fornecidas por L-M:

[D65b] ποταμοῖσι τοῖσιν αὐτοῖσιν ἐμβαίνουσιν ἕτερα καὶ ἕτερα ὕδατα ἐπιρρεῖ.  
[D102] ψυχὰι ἀπὸ τῶν ὑγρῶν ἀναθυμῖονται.

O texto está incorporado em uma transmissão muito complexa, pois as alegadas palavras de Heráclito são parte de uma espécie de comparação com a própria teoria de Zeno sobre a alma, de acordo com o relato de Cleantes transmitido por Ário Dídimo e coletado por Eusébio em seu *Preparatio Evangelica*.<sup>10</sup> Essa transmissão complicada pode explicar duas coisas que têm sido fonte de debate entre os editores: (i) a inclusão da teoria do fluxo em um contexto psicológico e (ii) a presença do que parece ser um vocabulário estranho a Heráclito, a saber, o verbo “ἀναθυμιάω”. Tais razões levaram alguns editores a ter suspeitas quanto ao conteúdo psicológico do testemunho, mas explicitamente sobre a segunda frase (não só pelas razões lexicais já mencionadas, mas também por algumas considerações estilísticas), a tal ponto que esta segunda frase é contestada e omitida em algumas edições e traduções.<sup>11</sup>

L-M dá a ambas as sentenças o status de palavras verdadeiramente heraclíticas (imprimindo-as em negrito), mas alinhando-as sob diferentes assuntos. Então, a primeira parte do testemunho, D65b, é listada sob a rubrica “Fluxo” e a segunda parte, D102, sob “A alma”. A escolha editorial de L-M significa duas coisas: A primeira, que consideram genuína a segunda parte do testemunho; a segunda, que eles descobriram que o verbo “ἀναθυμιάω” faz parte da terminologia original da “teoria das exalações” heraclíticas. Ambas são relevantes para a interpretação da filosofia de Heráclito. Por um lado, pedem a adição de um testemunho para a reconstrução da esquiwa “teoria das exalações”; por outro, reabilitam algumas linhas que têm lugar na discussão sobre a natureza física da alma para Heráclito.

<sup>10</sup> O contexto do testemunho encontra-se em R51, para a apropriação estoica de Heráclito.

<sup>11</sup> A última declaração foi removida por Bywater (1877 17); Burnet (1920 100); Kirk (1954 367); Kahn (1979 52); Marcovich (2001 194); e Colvin (2005 258). Porém, tem quem guarde, não sem dúvidas ou adiantando alguma discussão, como Reinhardt (1916 61); Capelle (1924 121); Diels & Kranz (1951 154); Walzer (1964 53); Mondolfo (1966 32); von Arnim (1968 117); Bollack-Wismann (1972 87), Conche (1986 452), des Places (1987 352 n.2); Dilcher (1995 183) e Mouraviev (2006 43).

#### VOLUME IV: *Pensadores Gregos Ocidentais (Parte 1)*

O escopo do volume é Pitágoras e a Escola Pitagórica. Por isso, a disposição dos textos exhibe algumas particularidades e, de certo modo, distancia-se das categorias inicialmente propostas. Isso tem a ver principalmente com a natureza da escola e os mecanismos de transmissão de suas doutrinas. De fato, a maior parte das teorias e testemunhos sobre os pitagóricos foram transmitidos sob uma atribuição anônima; os relatos biográficos e doxográficos sobre Pitágoras estão em uma posição intermediária entre testemunho e mito; de um outro lado, a transmissão de doutrinas deu origem a uma grande quantidade de literatura pseudo-epigráfica também.

Por essas razões, a estratégia editorial inicialmente proposta por L-M sofre, nesse volume, uma ligeira alteração. Isso significa que, nessa seção, não encontraremos a classificação, operativa até agora, entre os grupos de testemunhos P, D e R para cada seção de autor, pois, nesse volume, R não está incluído em cada seção, mas constitui uma seção inteira aparte, consagrada à recepção de *Pitágoras, Os Pitagóricos e O Pitagorismo (Pythagoras, the Pythagoreans and Pythagorism)* [18]. Essa é uma decisão editorial muito importante, uma vez que as particularidades da figura misteriosa de Pitágoras e desse grupo de pensadores dificultam falar separadamente sobre a recepção. Então, temos um número considerável de novos textos (ou seja, ausentes em DK) que enriquecerão nossa compreensão da consolidação da tradição pitagórica na Antiguidade, bem como testemunhos da atividade intelectual de alguns pensadores ligados à tradição pitagórica, de quem sabemos pouco ou quase nada.

Uma das características mais interessantes dessa seção massiva sobre a recepção do pitagorismo é que ela permite a exibição de uma grande quantidade de testemunhos que são eloquentes sobre uma tradição e uma influência pitagórica muito extensa. Além disso, essa seção alcança esse resultado sem ter o problema de atribuir conteúdo a um nome ou obra particular. Um caso fascinante é, por exemplo, a literatura pseudo-pitagórica, pela qual conhecemos muito do caráter sectário do pitagorismo. L-M nos oferece não apenas informações sobre a prática de atribuir tratados de maneira honorária ao próprio Pitágoras ou a outros principais pitagóricos, mas também uma das ferramentas para pensar como essa literatura gravitou em torno de alguns assuntos particulares. Isso é muito importante para entender como o pitagorismo viu certo tipo de "renascimento" durante a Antiguidade Tardia, principalmente patrocinado pelo neoplatonismo.

Há ainda outra modificação muito importante a ser considerada. Na primeira seção, dedicada a *Pitágoras* [10], além da falta do grupo R de testemunhos, P é subdividido em dois: (a) para o caráter de Pitágoras, tanto a sua biografia quanto os mitos que a sua figura tem produzido e (b) para a instituição que ele deu à luz. Uma outra divisão (c) representa suas supostas doutrinas, provérbios e preceitos, o que constituirá, nesse caso, a parte D. Há também uma seção inteira dedicada a doutrinas atribuídas à escola, mas não conectadas com um autor particular: *Doutrinas Pitagóricas não atribuídas por Nome* (*Pythagorean Doctrines not attributed by Name*) [17]. Essa seção complementa muito bem a seção de Pitágoras, pois mesmo que muitas dessas doutrinas sejam atribuídas a Pitágoras, talvez de maneira honorífica, elas podem ser produto da escola como um todo.

Para os outros pensadores agrupados no volume, está ausente da seção de recepção: *Hipaso* [11], *Filolau* [12], *Eurito* [13], *Arquitas* [14] e *Ecfanto* [16]. A única exceção a essa regra é *Hicetas* [15], que também não tem seção biográfica.

#### VOLUME V: *Pensadores Gregos Ocidentais (Parte 2)*

Trata-se do maior volume da coleção. Aqui estão a escola Eleática, Empédocles e dois pensadores ligados à medicina. É importante notar que, mesmo que os eleatas constituam uma espécie de grupo independente que merece certo isolamento dos outros nomes, todos esses pensadores estavam ligados, de certa maneira, através da tradição e, de alguma forma, também com o movimento pitagórico explorado no volume anterior.

Os primeiros três pensadores são os eleatas: *Parmênides* [19], *Zenão* [20] e *Melisso* [21]. Como os casos precedentes, a inovação relativa ao tratamento dessa escola reside principalmente na ênfase na recepção: é aí, na seção R, onde encontramos testemunhos que não foram considerados em edições anteriores (notavelmente os comentadores aristotélicos da Antiguidade Tardia). Isso é útil para entender como esses pensadores foram lidos e empregados por seus sucessores e providenciar novas perspectivas para o estudo desta escola.

Mesmo assim, a verdadeira novidade que L-M nos oferece é o capítulo dedicado a Melisso. Há duas particularidades que quero enfatizar sobre essa seção: em primeiro lugar, é uma das poucas (exceto no caso de alguns pitagóricos), onde todos os textos de DK são explorados. Isso acontece não só tendo em mente os grupos temáticos que é

possível organizar com o conteúdo desses testemunhos, mas procurando mostrar que a tradição transmitiu, neste caso, notícias da existência de um único livro. É interessante como L-M propõe uma possível ordem para o tratado, mas também mostra que os autores que transmitiram o texto de Melisso tinham interpretações diferentes sobre essa ordem. A segunda coisa que quero destacar é a seção da recepção, pois creio ser indispensável para considerar Melisso seriamente. Por um lado, são fornecidos os testemunhos negativos sobre a atividade intelectual de Melisso, notadamente de uma perspectiva aristotélica. Por outro lado, L-M nos fornece, o que é notável, uma perspectiva positiva sobre Melisso, transmitida por Simplício, que não estava presente em DK. Isso nos dá um quadro mais amplo para o estudo do eleata e, assim, contribui para a reabilitação de um pensador tradicionalmente subestimado.

O capítulo consagrado a *Empédocles* [22] é o mais abundante do volume (pouco mais de 400 páginas). Isso não é surpreendente, dada a quantidade de material disponível para o estudo do pensador agrigentino. Apesar da quantidade, apresentam problemas que todos os editores enfrentaram antes (a questão da independência dos dois poemas atribuídos ao pensador e seu ciclo cósmico), e este caso não é exceção. Aqui há dois caminhos a serem explorados: o primeiro é que L-M diz querer sugerir uma “certa precedência, no pensamento de Empédocles, da dimensão ética sobre a doutrina física” (L-M v 318). L-M faz isso, porém, sem argumentar por uma precedência temporal de um poema sobre o outro. Isso é interessante porque L-M tenta tornar explícita a força filosófica de seu projeto editorial com um pensador que fornece material suficiente para testar isso. Ou seja, o arranjo particular dos testemunhos em rubricas que obedecem ao *cluster* temático deve ajudar a entender as conexões que L-M quer que tenhamos consciência. O segundo tem a ver, novamente, com a seção de recepção: há um número considerável de testemunhos descrevendo o papel e a importância de Empédocles na Antiguidade helenística e tardia.

Considerando esse aspecto particular, penso serem muito interessante duas coisas: primeiro, a ênfase que os editores dão em mostrar a faceta literária e a relevância disso para a compreensão da figura e do legado de Empédocles; segundo, a última subseção, chamada “Interpretações alegóricas”, onde nos é fornecido um grupo de testemunhos mostrando as dificuldades ou possibilidades que o pensamento de Empédocles oferece para seus leitores. Acho interessante, não só porque poderia explicar o fato de termos tanto material desse pensador, mas também pelas perspectivas que isso acarreta para o estudo da história e do desenvolvimento de dispositivos

exegéticos e hermenêuticos na Antiguidade. Por exemplo, em relação à faceta literária de Empédocles, L-M resgata parte do contexto em que o fragmento D255 (DK31B80) está embutido e o imprimem como R4. Essas linhas particulares foram omitidas por DK, mas penso serem cruciais para entender por que a faceta literária de Empédocles tem uma forte conexão com seus objetivos filosóficos e, assim, poderia ser uma chave para a compreensão da forma poética como um veículo filosófico, principalmente para "filosofia natural". Com efeito, no texto, Plutarco (quem o cita) apresenta a questão dos epítetos de Empédocles não como uma característica estilística, mas com o objetivo de "indicar alguma essência ou poder" (L-M v 587). O mesmo fato deu lugar também a interpretações alternativas, algumas delas são simplesmente zombarias, mas que explicam de alguma forma por que Empédocles foi recebido como um retórico.

O segmento final do volume engloba "Filosofia e Medicina". Sob essa rubrica, entramos *Alcmeão* [23] e *Hípon* [24]. Há várias razões para manter esses pensadores juntos e, nesse volume em particular: por um lado, ambos são considerados pitagóricos (ou pelo menos de ter alguma filiação pitagórica) e estão relacionados com investigações médicas ou fisiológicas. Em ambos os casos, os testemunhos oferecidos por L-M não são substancialmente diferentes daqueles de DK (na verdade, para ambos os pensadores, a bibliografia é muito escassa e os esforços editoriais quase inexistentes). No entanto, ambos os capítulos relativos aos autores devem ser lidos em conjunto com o capítulo temático sobre a medicina grega antiga, a ser encontrado no volume VI. Penso que ali, adicionando-se alguma contextualização sobre ambiente intelectual de onde se nutriam Alcmeão e Hípon, seria mais fácil e mais proveitoso estabelecer as conexões entre filosofia e medicina que L-M tenta destacar. Além disso, dado que a tradição interpretativa dominante relativa aos testemunhos desses autores é aristotélica, pode ser muito útil procurar contextualizar esses testemunhos com a ajuda do capítulo temático sobre a medicina grega antiga.

#### VOLUME VI: *Pensadores Jônicos Tardios e Pensadores Atenienses (Parte 1)*

O volume pode ser dividido em três partes: a relativa aos pensadores propriamente ditos, jônicos e atenienses; um capítulo temático sobre medicina antiga e uma seção sobre o papiro Derveni. Há uma seção anunciada aqui, mas que está no próximo volume, consagrado aos atomistas.

Os últimos filósofos jônicos são *Anaxágoras* [25] e *Diógenes de Apolônia* [28]; o ateniense é *Arquelau* [26]. Anaxágoras assume o papel principal no volume, não apenas pelo número de testemunhos e pela riqueza nos escopos de suas investigações, mas também por uma espécie de precedência doutrinária sobre os outros dois pensadores já citados. Por exemplo, as poucas informações que temos de Arquelau indicam-no como discípulo de Anaxágoras e seu trabalho intelectual parece ter sido uma espécie de revisão ou continuação de algumas doutrinas anaxagorianas. O caso de Diógenes é menos claro: parece ter sido um contemporâneo mais jovem de Anaxágoras, em atividade em Atenas ao mesmo tempo. No entanto, é possível encontrar alguns ecos de Anaxágoras no pensamento de Diógenes, e L-M nos apresenta essas continuidades como sua escolha hermenêutica (L-M VI 218). Dadas as razões já expostas, deve-se esperar que a parte de recepção da seção de Anaxágoras possa ser eloquente nessa direção. E é: a disposição dos testemunhos sobre a recepção de suas doutrinas mostra as avaliações que a posteridade fez de suas ideias e também a exploração que diferentes escolas e tendências filosóficas fizeram dele.

Se Anaxágoras tem algum tipo de destaque na edição, penso que a seção de Arquelau merece alguma atenção. Considerando que não há outra edição para Arquelau além de DK, temos pela primeira vez em muito tempo um tratamento cuidadoso dos testemunhos para o estudo desse pensador. A seção cobre praticamente todo o material disponível em DK e acrescenta sete testemunhos, dois deles para a seção doutrinária. Um deles, listado como D14b, introduz uma discussão interessante. Para este testemunho, vindo do comentário de Alexandre de Afrodisias sobre a *Física*, aponta na direção oposta à já conhecida declaração sobre a destrutibilidade do mundo transmitida por Aécio. A inclusão do testemunho é importante, pois não há nada nos outros testemunhos que nos possa guiar em uma direção ou outra. Assim, a presença dessas afirmações contraditórias abre um desafio interpretativo para especialistas.

A seção temática chamada de *Primeira Medicina Grega (Early Greek Medicine)* [29] é uma inclusão consoante com as diretrizes editoriais do trabalho, pois os limites entre filosofia e teologia certamente não são claros no pensamento grego antigo, ou mesmo inexistentes. Porém, a dimensão científica dessas pesquisas também é um fato, evidente na pluralidade de domínios aos quais esses pensadores se aplicaram. A medicina é um desses casos: em muitas ocasiões os antigos sábios também eram celebrados como médicos, isso porque a própria natureza do fenômeno da doença chamava a atenção das suas pesquisas filosóficas ou científicas. Todos os testemunhos

dessa seção temática vêm do *Corpus Hippocraticum*, exceto o primeiro. Isso não significa que se trate de uma seção sobre Hipócrates: esses textos foram cuidadosamente selecionados para explicitar a recorrência dos mesmos objetos nas reflexões filosóficas dos primeiros pensadores, isto é, os vínculos entre filosofia e medicina e o processo de diferenciação que pode ser desenhado entre os dois.

A última seção do volume apresenta uma absoluta novidade em relação a todas as edições anteriores do pensamento grego antigo. Isso acontece pela incorporação, pela primeira vez em uma coleção de tal natureza, do *Papiro de Derveni* [30], uma vez que foi descoberto apenas nos anos 60 e as edições de seu conteúdo são muito recentes. Mesmo que partes do *Papiro de Derveni* tenham sido incluídas como testemunho em algum capítulo do autor (por exemplo, Heráclito D89a), L-M decidiu dar a ele uma seção inteira devido a sua importância. Ao contrário das outras seções, aqui o papiro é apresentado em sua totalidade (o texto não é cortado e organizado tematicamente), respeitando, contudo, a disposição textual em colunas. Isso obedece principalmente aos desafios que a conservação do papiro impõe (dada destruição de partes do papiro por causa de sua fragilidade ou pela queima que sofreu): visto que o papiro frágil se quebrou em numerosos pequenos fragmentos, há casos em que é difícil dizer qual era a sua disposição inicial. Assim, nesse caso, as diretrizes classificatórias de L-M não são usadas, mas apenas as referências cruzadas que marcam os locais da coleção onde algumas passagens do papiro foram usadas.

O conteúdo do *Papiro de Derveni* inclui uma série de citações do que teria sido um poema presumivelmente composto por Orfeu, juntamente com um procedimento exegético aplicado a elas. Os termos em que essa interpretação é realizada evidenciam interessantes semelhanças com os outros pensadores incluídos no volume; além disso, inclui também uma passagem de Heráclito citada e interpretada. As semelhanças que as partes exegéticas do papiro têm com a filosofia de Anaxágoras e Diógenes de Apolônia, juntamente com o poema órfico interpretado, dão ao testemunho um lugar muito importante para entender a complexa relação entre ciência, religião e filosofia na antiga filosofia grega, que tem sido um dos principais aspectos que L-M deseja destacar na coleção.

VOLUME VII: *Pensadores Iônicos Tardios e Pensadores Atenienses (Parte 2)*

Como anunciado no volume anterior, o volume agora considerado é totalmente consagrado aos *Atomistas: Leucipo e Demócrito* [27]. Isso é compreensível, dada a massa de testemunhos, ditos e doutrinas atribuídas a Demócrito, o atomista mais célebre. Tal fato fica muito claro pelo tamanho da seção D do capítulo sobre o atomista, onde não apenas é apresentada uma quantidade importante de assuntos cobertos pelas reflexões atomistas, mas a maioria dessas doutrinas e ditos são atribuídos como democriteanos.<sup>12</sup>

De fato, todo o conjunto de textos apresentados por L-M no volume gravitam, de uma forma ou de outra, em torno da figura de Demócrito. Por exemplo, Leucipo, o suposto mestre de Demócrito, conta com muito menos testemunhos sobre sua vida e obra e os poucos existentes estão inevitavelmente ligados a Demócrito. Então, a escolha editorial de L-M é apresentar os testemunhos de ambos os pensadores juntos.

Se as razões para tratar Leucipo e Demócrito conjuntamente são claras, não é igualmente óbvio por que os outros atomistas não receberam o mesmo tratamento. É verdade que a posteridade do atomismo de Demócrito não está tão bem atestada, mas parece difícil pensar que a informação está em pior estado de conservação do que a de Leucipo. Além de Leucipo e Demócrito, no volume estão incluídos Metrodoro de Quiós, Nausífanos e Diotimo de Tiro. Nenhum desses pensadores foi incluído na seção P, nem na seção D, aparecendo apenas na parte da recepção do volume.

Uma das coisas mais interessantes sobre os testemunhos de Demócrito é que o autor que o está citando reproduz em vários casos as palavras originais que podem ser vistas como arcaísmos ou, simplesmente, um vocabulário estranho. É, por exemplo, bem conhecida a tentativa aristotélica de fornecer “traduções” com o objetivo de tornar mais compreensível o pensamento de Demócrito (cf. D31). Essa particularidade dá a Demócrito um lugar privilegiado na história da conceituação em filosofia, mas também fornece aos estudiosos uma indicação de onde suas próprias palavras devem ser localizadas. L-M explora esse fato com a ajuda da impressão em negrito, pois pode apenas destacar os termos relevantes nos casos em que não encontramos uma citação (notavelmente os testemunhos aristotélicos), mas as palavras democritianas são

<sup>12</sup> Há uma particularidade da seção que responde a uma dificuldade que supõe o grande número de textos que foram atribuídos a Demócrito na história (alguns deles atribuídos a um certo Demócrates). A maioria desses textos são provérbios muito curtos, transmitidos sem contexto. L-M decidiu apresentar esses testemunhos em itálico, dada a incerteza relacionada à autoria. Ao fazer isso, tenta evitar a arbitrariedade de escolher alguns deles em vez de outros, dado que todos eles têm um tratamento e valor similares na tradição (L-M VII 4).

assimiladas em outro discurso. A seção de L-M sobre os átomos e o vazio é um ótimo lugar para ver isso (D29-D69).

O primeiro testemunho extraído do comentário de Simplicio sobre o *De Caelo* de Aristóteles é bastante relevante (D29). Aqui encontramos o principal par de conceitos para a teoria atomista (τῶ τε κενῶ καὶ τῶ οὐδενὶ καὶ τῶ ἀπειρῶ... τῶ τε δὲν καὶ τῶ ναστῶ καὶ τῶ ὄντι) e também uma descrição do conteúdo de tal teoria. Nesse contexto, existem várias referências à forma como os átomos interagem, como os “interlaces” (τὰς ἐπαλλαγὰς) e “aderências” (τὰς ἀντιλήψεις), com o objetivo de explicar as configurações feitas de átomos. É estranho que o termo para “entrelaçar” não esteja impresso em negrito no testemunho, mas em outro testemunho da mesma fonte encontremos uma atribuição direta do termo ἐπάλλαξις (traduzido como “entrelaçamento”) a Demócrito (cf. D35). Pode-se argumentar que não é exatamente o mesmo termo, mas penso ser difícil sustentar que não é a mesma ideia. No entanto, é útil que L-M forneça sempre termos como os da transliteração impressos em itálico. Isso é suficiente, penso, para chamar a atenção dos leitores para os termos, mesmo que não sejam explicitamente considerados como *ipsissima verba* de Demócrito.

#### VOLUME VIII: *Sofistas (Parte 1)*

O primeiro volume consagrado aos sofistas apresenta os nomes mais conhecidos que associamos a esse movimento intelectual: *Protágoras* [31]; *Gorgias* [32]; *Prodicus* [34]; *Trasímaco* [35]; e *Hípias* [36].

A inovação importante no volume é a inclusão de *Sócrates* [33] entre os sofistas. Isso é permitido de muitas maneiras pelas diretrizes editoriais particulares da presente coleção. Por um lado, evita-se a categoria de pré-socráticos, pois é evidente que tal critério classificatório tornaria impossível que Sócrates fosse incluído nesse grupo (L-M VIII 5). Mas, além disso, penso que o fato da coleção não gravitar exclusivamente em torno do conceito de “fragmento”, mas sim apresentar os depoimentos obedecendo às informações que eles carregam, é o que possibilita a inclusão de um personagem tão importante. A mesma orientação editorial possibilita não comprometer uma tradição interpretativa particular ou preferir uma testemunha em particular. No caso de Sócrates e os sofistas, tradicionalmente Platão é a fonte preferida de informação, o que leva à consequência indesejável de separar Sócrates dos Sofistas, pois é Platão que estabelece uma distinção tão radical, e assim Sócrates fica isolado dos contextos em que sua

atividade intelectual ocorreu. Porém, Sócrates compartilhava das mesmas preocupações e se aplicava aos mesmos temas que os sofistas, quaisquer que fossem as particularidades de sua abordagem.

L-M nos diz que no caso particular de Sócrates, no entanto, não há uma seção para a recepção, “pois a recepção de Sócrates é indistinguível de uma grande parte da filosofia grega posterior” (L-M VIII 294). Isso é verdade. No entanto, penso que esta seção seria de grande valor neste caso, pois existem várias tradições interpretativas em torno da figura de Sócrates que, ou não são totalmente consistentes, ou não carregam a mesma perspectiva sobre ele. A prova mais evidente disso é a razão pela qual os editores decidiram incluir Sócrates na coleção atual, pois o testemunho de Platão é aquele que o coloca em uma margem diferente daquela dos sofistas. Da mesma forma, existem diferentes tradições interpretativas, como a aristotélica ou a aristofânica, que são cruciais para entender os diferentes efeitos da influência socrática.

#### VOLUME IX: *Sofistas (Parte 2)*

O segundo volume que reúne os expoentes do movimento sofista inclui três nomes: *Antifonte* [37], *Licofrão* [38], *Xeníades* [39]; e uma seção adicional onde os editores fornecem um grupo de testemunhos eloquentes sobre o desenvolvimento e consolidação do conceito de “sofista” para designar uma ampla variedade de personagens [42].

O capítulo sobre Antifonte trata da grande dificuldade de apresentar testemunhos atribuídos a uma figura sobre a qual não está claro se esconde um ou vários personagens. L-M decidiu não incluir os discursos forenses atribuídos a Antifonte, concentrando-se nos alegados tratados, independentemente da discussão sobre se eles pertencem a “qual” Antifonte. É, novamente, virtude das diretrizes editoriais de L-M apresentar todos esses testemunhos sem se comprometer com uma posição específica sobre a identidade de Antifonte; é também uma virtude que todos esses testemunhos sejam organizados atentando-se ao trabalho ao qual podem pertencer e mostrando-se a variedade de assuntos a que esse sofista poderia dedicar-se.

É claro que as informações sobre vários desses pensadores são tão escassas quanto deficientes. Como acontece com a maioria dos chamados “pitagóricos”, há casos em que lidamos com personagens sobre os quais praticamente nada sabemos. Em alguns desses casos, DK não fornece uma distinção entre a seção A e a seção B. De

fato, os poucos testemunhos existentes são apresentados sem uma classificação particular. Licofrão é um daqueles pensadores sombrios, os quais conhecemos apenas por uma fonte, Aristóteles. No entanto, L-M fornece um outro testemunho, ainda que duvidoso, para a seção P, extraído de uma carta pseudoplatônica, provavelmente a única existente que faz referência à pessoa de Licofrão. Então, é compreensível que este pensador não seja acompanhado por uma seção sobre a recepção de seu pensamento.

Um caso similar, mas não idêntico, é o de Xeníades, do qual só sabemos por um único testemunho de Sexto Empírico. Nesse caso, L-M não fornece uma seção P, mas apenas uma seção D com esse único testemunho. No entanto, oferece também uma seção R, enfatizando as aproximações que Sexto Empírico faz entre o pensamento de Xeníades e o de Xenófanés e Protágoras. Isso introduz muito bem a refutação de Sexto Empírico em Xeníades, que é um testemunho que não foi contemplado por DK ou qualquer outro editor anterior.

Há também duas seções para igual número de textos que foram transmitidos anonimamente mas que foram inelutavelmente produzidos por um sofista ou naquele ambiente: o *Anônimo de Jâmblico* [40] e os *Dissoi Logoi* [41]. Dado que ambos os textos foram transmitidos como um todo e não há autor no escopo, eles eludem os critérios classificatórios da L-M.

Além desse material, há ainda uma seção temática que reúne testemunhos da recepção que os filósofos (e a filosofia em geral) tiveram na comédia e tragédia grega. Os editores deram-lhe o nome abreviado de *Apêndice Dramático* (Dramatic Appendix) [43]. Esta seção temática não pretende concluir o segundo volume (ou ambos) sobre os sofistas, mas sim dar um fechamento para toda a coleção. Como os editores dizem, um termômetro importante da aceitação ou rejeição de personalidades, como os pensadores eram, é sua aparição no palco do teatro (L-M IX 256). Assim, a edição dá ao leitor uma perspectiva mais ampla da recepção da filosofia grega antiga que não se refere apenas a questões doutrinárias. Essa seção não serve apenas como um fechamento oportuno para a coleção, mas também completa o quadro que os editores queriam propor, amplificando a perspectiva com o auxílio da doxografia.

Liliana Carolina Sánchez Castro  
*Universidade de São Paulo*

### *Bibliografía*

- Arnim, J. von [Ed.] ([1905] 1968b). *Stoicorum veterum fragmenta, vol. 1*. Leipzig: Teubner.
- Bollack, Jean & Wismann, Heinz (1972). *Héraclite ou la separation*. Paris: Les éditions de minuit.
- Burnet, John (1920). *Early Greek Philosophy*. London: A & C Black.
- Bywater, I. [Ed.] (1877). *Heracliti Ephesii Reliquiae*. Oxonii: Typhographeo Clarendoniano.
- Capelle, W. (1924). "Heracliteum". Em: *Hermes* 59, H. 1 (Mar. 1924), pp.121-123.
- Colvin, Matthew (2005). "Heraclitus and Material Flux in Stoic Psychology". Em: *Oxford Studies in Ancient Philosophy* xxviii (Summer 2005), pp. 257-272.
- Conche, Marcel [Ed., Trad. & Comm.]. (1986) *Héraclite: Fragments*. Paris: Presses Universitaires de France.
- des Places, Édouard s.j. [Trad.] (1987). *Eusèbe de Césarée: La preparation évangélique*. Paris: Du Cerf.
- Dilcher, Roman (1995). *Studies in Heraclitus*. Hildesheim: George Olms.
- Diels, Hermann (2003.) *Parmenides Lehrgedicht: mit einem Anhang über griechische Türen und Schlösser*. Sankt Agustin: Academia Verlag.
- Diels, Hermann & Kranz, Walther [Eds. & Trans.] (1989). *Die Fragmente der Vorsokratiker (Drei Bände)*. Berlin: Weidmann.
- Kahn, Charles [Ed., Trad. & Comm.] (1979). *The Art and Thought of Heraclitus*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kirk, G. S. [Ed., Trad. & Comm.] (1954). *Heraclitus: The Cosmic Fragments*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lebedev, Andrei (1985). "A new Fragment of Xenophanes". Em: CAPASSO, DE MARTINO & ROSATI, *Studi di Filosofia Preplatonica*, pp. 13-15.
- Marcovich, Miroslav [Ed., Trad. & Comm.]. (2001) *Heraclitus: Greek text with a short commentary*. Sankt Agustin: Akademie Verlag.
- Mondolfo, Rodolfo [Trad. & Est.]. (1966) *Heráclito: textos y problemas de su interpretación*. Traducción de Oberdan Caletti. México: Siglo XXI editores.
- Mouraviev, Serge [Ed. & Trad.]. (2006) *Heraclitea III.3.B/i Recensio: Fragmenta*. Sankt Agustin: Akademie Verlag.
- Mouraviev, Serge [Ed. & Trad.]. (1999) *Heraclitea II.A.1-4: Traditio*. Sankt Agustin: Akademie Verlag.
- Walzer, R. [Trad.] (1964). *Eraclito*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung.
- Wöhrle, Georg [Ed. & Trad.]. (2009) *Die Milesier: Thales*. Berlin: De Gruyter.